

O leitor com papel e caneta: A escrita de Brasil Pinheiro Machado sobre temas da historiografia e o trabalho do historiador

Luciana Cristina Pinto⁹⁰

90 Doutora em História (UFSC). Técnica responsável no Centro de Documentação e Pesquisa em História (CDPH/UEPG). Membro do Laboratório de Estudos de Historiografia Paranaense (LEHP). E-mail: lucristina22@gmail.com.

O objetivo deste texto é apresentar certos cadernos de anotações manuscritas, que foram fontes de minha pesquisa de doutorado em História, em que investiguei parte da vida do historiador e político paranaense Brasil Pinheiro Machado (1907-1997), especialmente na sua relação com a leitura. Nascido em Ponta Grossa (PR), morreu em Curitiba (PR), filho de Maria Eugênia Guimarães Pinheiro Machado e Brasil Ribas Pinheiro Machado. Teve sete irmãos: Raul, Theodoro, Joaquim, Gastão, Odete, Lígia e Ismênia Pinheiro Machado (Oliveira, 2002, p. 185).

Ele atuou como professor de História do Brasil por mais de trinta anos na Universidade Federal do Paraná (UFPR) e, nesse ambiente acadêmico, orientou muitos alunos. Foi também um dos responsáveis pela implementação do curso de mestrado em história na mesma instituição, em 1972; na ocasião, houve uma publicação impressa com o título *Aula inaugural: cursos de pós-graduação em História na Universidade Federal do Paraná*, em que é apresentado o texto de Brasil Pinheiro Machado (Figura 1).

Com entusiasmo perceptível, o historiador paranaense reiterou que o curso de pós-graduação em História iria reacender as esperanças dos historiadores no destino da sua Ciência e, assim, na função que os estudos históricos têm na reconstrução da cultura brasileira. Já no final da década de 1960 e durante a de 1970, escreveu à mão no Caderno 11, intitulado “*Funcionalismo. Outros*” (Figura 2), sobre temas relevantes para a investigação da história como: “história factual e nova história”, “a história comparada”, releituras de Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770-1831) e de Jean

Hyppolite (1907-1968) e ainda sobre a história econômica da América Latina.

A variação dos temas nessa fonte revela, além da fertilidade do documento manuscrito, um profissional ativo que se posicionou como um leitor crítico, estudando outras áreas do conhecimento como a sociologia e a filosofia ou registrando suas leituras interdisciplinares; “contudo, a diversidade da leitura depende imensamente do que é oferecido aos leitores nos locais instituídos em função da própria leitura” (DeNipoti, 2001, p. 86).

Esta proposta, portanto, foca nas informações desta fonte que traz elementos importantes para a compreensão do contexto em que Brasil Machado escreveu, durante o período dos anos 1970 e 1980, quando a chamada Nova História (re)orientava os estudos históricos em oposição ao paradigma tradicional da história e com base na análise das estruturas. Convém registrar que as fontes analisadas e todo o acervo pessoal de Brasil Pinheiro Machado encontram-se disponíveis ao público no Centro de Documentação e Pesquisa em História (CDPH), sob a guarda do Departamento de História da Universidade Estadual de Ponta Grossa (PR).

O leitor

No sentido de desenvolver uma teoria das reações do leitor, os documentos raramente mostram os leitores em atividade, moldando o significado a partir dos textos e, por isso, poucos destes registros são ricos o bastante para permitir um acesso, ainda que indireto, aos elementos cognitivos e afetivos da leitura (Darn-ton, 2011, p. 207).

O historiador Robert Darnton usou o argumento acima para explicar a dificuldade de escrever uma história da reação do leitor. Adianto que as informações do documento manuscrito analisado aqui mostram o leitor com papel e caneta em plena atividade.

A publicação impressa em 1972, *Aula inaugural: cursos de pós-graduação em História na Universidade Federal do Paraná*, contém dois textos dos historiadores Cecília Maria Westphalen e Brasil Pinheiro Machado, respectivamente. Westphalen destacou, entre outras questões, a importância do curso de mestrado na referida instituição:

Estamos colocando toda a nossa força em curso que se pretende dinâmico, produtivo, renovador. Estamos empenhando toda a nossa responsabilidade profissional em curso que se objetiva sério, respeitado e ouvido. Estamos colocando toda nossa esperança em um curso que, deliberada e conscientemente, se deseja construir uma Escola de História do Brasil (Westphalen, 1972, p. 5).

Machado (1972, p. 7) reiterou que o curso de pós-graduação em História “reacende as esperanças dos historiadores no destino da sua Ciência e na função que os estudos históricos têm na reconstrução da cultura brasileira”.

[...] o que hoje percebemos é que só a formação universitária é que poderá dar as condições pelas quais a historiografia brasileira possa participar da reconstrução da cultura nacional, pela *compreensão científica da contemporaneidade* (Machado, 1972, p. 9, grifo meu).

Para Peter Burke, as abordagens da chamada Nova História refletiram no modo de escrever dos historiadores:

O novo é a importância dada à vida cotidiana nos escritos históricos contemporâneos, especialmente desde a publicação do famoso estudo de Braudel da “civilização material” em 1967. Outrora rejeitada como trivial, a história da vida cotidiana é encarada agora, por alguns historiadores, como a única história verdadeira, o centro a que tudo o mais deve ser relacionado (Burke, 2011, p. 23).

A “compreensão científica da contemporaneidade” destacada por Brasil Machado se aproxima de uma das abordagens da Nova História, que destacou, segundo Burke, os escritos históricos contemporâneos.

Roger Chartier afirmou que “um texto só existe se houver um leitor para lhe dar um significado”; assim, as leituras são “compreendidas como práticas concretas e como procedimentos de interpretação” (Chartier, 1999, p. 11-12). Pensando numa das vertentes do conceito de representação, é fundamental o entendimento de como um indivíduo constrói, socialmente, o seu mundo e a realidade à sua volta, como a vida foi construída coletivamente de acordo com os projetos e interesses do grupo. (Chartier, 1991, p. 183).

A fonte de pesquisa aqui analisada mostra que Brasil Pinheiro Machado foi um profissional ativo que se posicionou como um leitor crítico, estudando outras áreas do conhecimento como a sociologia e a filosofia, ou registrando suas leituras interdisciplinares. O *Caderno 11* de anotações manuscritas, intitulado *Funcionalismo*. Outros, com datas de 1969/1970/1971/1972/1974, tem 14 títulos, alguns enumerados por Brasil Pinheiro Machado com referências bibliográficas que abordam diferentes áreas do conhecimento como historiografia, economia e filosofia.

A partir das informações da fonte investigada, foi possível elencar os seguintes temas: 1. História factual e Nova história; 2. História comparada; 3. História econômica. Cada título/tema das anotações tem referências específicas de livros e/ou artigos e autores; assim, foi possível identificar 4 referências lidas na língua inglesa, 5 em português, 1 em francês; as demais anotações (4) não têm citações de livros/artigos e autores.

Tabela 1 — Caderno 11 — *Funcionalismo. Outros*

1. Apontamentos - Funcionalismo Ross. (Da introdução da edição de 1959 ao “Social Control and The Foundations of Sociology” de E. A. Ross, pelos editores Edgard F. Borgatta e Henry J. Meyer) 2. Mannheim Controle social – in “Sociologia Sistemática” 3. Robert K. Merton “Manifest and Latent Functions” in “Social Theory and Social Structure”. Cita: Malinowski; Marx 4. Notas “The sociology of knowledge” de Werner Stark 5. Merton Sobre Sociologia do conhecimento 6. Merton: Paradigma para a sociologia do conhecimento 7. O desenvolvimento econômico (Repensando o assunto) Nº 2. (Continuação do artigo de Jacob Viner (do caderno “Economia”))	8. O desenvolvimento econômico (Repensando o assunto) Nº 3. Gerald G. Meier, “O problema do desenvolvimento econômico limitado”. 9. Ainda... Sem referências bibliográficas 10. Uma anotação: a história factual e a “nova história” Sem referências bibliográficas 11. Anotações para a história comparada Douglas C. North, “The Economic Growth of the United States” 12. Divagações sem compromisso Numa releitura da “Fenomenologia do espírito” de Hegel, acompanhada de releituras fragmentárias da “Gênese e Estrutura” de Jean Hyppolite “Fenomenologia do espírito” de Hegel. “Gênese e Estrutura” de Jean Hyppolite (Observação: Brasil Machado cita um trecho de Hyppolite em francês). 13. (Para a história da 1ª República) Lembretes Sem referências bibliográficas 14. História Econômica da América Latina Sem referências bibliográficas.
---	--

MACHADO, Brasil Pinheiro. *Caderno 11. Funcionalismo. Outros* (1969/1970/1971/1972/1974). Acervo Brasil Pinheiro Machado. Centro de Documentação e Pesquisa em História (CDPH/UEPG), Ponta Grossa.

Quando escreveu, em 1971, sobre a Nova História, Brasil Pinheiro Machado não citou diretamente autores e/ou textos, mas mostrou sua defesa em relação a esse modelo de explicação histórica.

25-9-1971

Uma anotação:
a história factual e a “nova história” ...

Nunca uma narração histórica é simplesmente uma descrição objetiva dos eventos. Nem no mais ingênuo dos narradores. Na narração histórica sempre estão implícitos todos os elementos teóricos das categorias históricas, das posições sociais dos historiadores, da estrutura social da sociedade envolvida, das estruturas em que os eventos se inserem etc. A “nova história” é uma tentativa de explicação do que sempre está implícito na narrativa do historiador narrador (Machado, Caderno 11, 1971, s.p).

Em 1972, com citação do estudo em inglês do economista estadunidense Douglas Cecil North (1920-1952), a nota discorre sobre História Comparada; o motivo da leitura era estudar o desenvolvimento do Brasil:

3-6-1972

Anotações para a história comparada

Ainda da leitura de Douglas C. North, “The Economic Growth of the United States”, que tenho explorado tanto nestes cadernos. Agora a sugestão é esta: na história do desenvolvimento dos USA que North acompanha em seu livro, de certa forma ele procura esclarecer a formação do mercado interno, que é, no meu ponto de vista, o elemento fundamental do desenvolvimento econômico.

Estudo isso apenas no interesse de verificar se se pode estudar o caso do desenvolvimento brasileiro em termos comparativos (Machado, Caderno 11, 1972, s.p).

Para a investigação da história da leitura, merece destaque a informação de 20 de abril de 1974, com o título *Divagações sem compromisso*, em que Brasil Machado afirmou reler a *Fenomenologia do Espírito*, de Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770-1831), e fazer releituras fragmentárias de *Gênese e Estrutura*, de Jean Hyppolite (1907-1968).

Considerando que a operação da consciência comum, no seu processo de desenvolvimento, cria as determinações concretas da história, poder-se-ia crer que a história tenha outra visão da realidade que não seja a pura visão descritiva?

A história não descritiva nada mais é do que uma auto-crítica da consciência subjetiva do historiador e não da história.

Hyppolite: “C’est pourquoi le savoir phenoménal doit s’éprouver lui-même; le philosophe ne doit qu’être le spectateur de son expérience”.

Hegel: “... o puro ato de ver o que se passa” (Machado, Caderno 11, 1974, s.p).

A questão destas releituras era entender se a “consciência comum”, investigada pela “consciência filosófica”, só poderia ser entendida no seu desenvolvimento por meio da pura descrição e nunca por meio da análise? Para Machado, diferentemente da consciência filosófica, a História teria outro olhar sobre a realidade, que não seria a pura visão descritiva. (Machado, Caderno 11, 1974, s.p).

Sobre o contexto em que Brasil Machado escreveu, durante os anos 1970 e 1980, em que a chamada Nova História dirigia os estudos históricos com questões como

a oposição ao paradigma tradicional da história e a análise das estruturas, é possível encontrar referências dessa ferramenta de análise nos estudos e também nas aulas ministradas na pós-graduação:

13-6-1974

História Econômica da América Latina

Depois de uma série de aulas no curso de pós-graduação em História, sobre a história econômica da América Latina:

a) o método histórico estrutural.

A marcha histórica do capitalismo como sistema-tendência para a criação de uma economia mundial integrada, e depois, para uma economia mundial unificada.

As economias latino-americanas, como economias nacionais, em marcha para a sua integração na economia mundial integrada, atravessando três tipos de dependência dessa *estrutura* mundial do capitalismo: a dependência colonial (1500-1850); a dependência comercial (1850-1930); e a dependência atual (a ser esclarecida). As características nacionais da economia mundial. A luta entre o sistema econômico e o sistema Estado-Nação. A dissolução do nacional no mundial (Machado, Caderno 11, 1974, s/p, grifos meus).

Para esta proposta mostro parte das informações dos documentos, impressos e manuscritos; por isso, cabe sempre relembrar a importância dos lugares de guarda, preservação e conservação de documentos de todos os tipos, de forma geral: Arquivos, Museus, Centros de Memória e, especialmente, o Centro de Documentação e Pesquisa em História (CDPH/UEPG), local que abriga todas as fontes desta investigação historiográfica, e diversos outros Arquivos

Pessoais que representam parte da história local com potenciais que extrapolam as fronteiras regionais, auxiliando na formação acadêmica de alunos que pesquisam em níveis de graduação e pós-graduação, e dos estagiários que trabalham na busca por experiência e qualificação profissionais.

Com relação ao conteúdo dos documentos, contrariando o que Robert Darnton escreveu sobre a raridade dos documentos mostrarem o leitor em plena ação da leitura (2011, p. 207), Brasil Pinheiro Machado se revelou bastante, como afirmado no início deste texto. Por um lado, isso é positivo para o desenvolvimento da pesquisa; por outro, em certos momentos, gera inquietação nesta pesquisadora.

Lembro que assisti, em 2021, no contexto de isolamento durante a Pandemia de Covid-19, a Aula inaugural do Curso de Pós-graduação em História da Unesp sob a coordenação da historiadora Dra. Karina Anhesini, e cujo convidado foi o professor Dr. Durval Muniz de Albuquerque Jr., com importante texto intitulado *As dores da história: os sofrimentos das carnes e dos corpos como tema historiográfico*. O historiador alertou que os pesquisadores não podem ter pressa quando vão aos Arquivos manusear e ler os documentos, suas fontes; porque o texto respira e a respiração da história tem a ver com os corpos. Por isso, cabe ao pesquisador o exercício de uma escrita paciente (Albuquerque, 2021). Nessa reflexão sobre a relação entre o historiador e suas fontes, sigo buscando ouvir a respiração dos documentos estudados e, nesse processo, também da minha própria escrita.

O trabalho do historiador

Quando se propõe reflexões sobre o trabalho do historiador, antes de mostrar as informações das fontes, é preciso lembrar que “como todos os historiadores, eu penso. Sem o quê, por quais razões teriam escolhido esse ofício?” (Bloch, 2001, p. 43)

Aqui apresento outro caderno de anotações manuscritas, da década de 1970, o Caderno 18 (Figura 3), sobre temas relevantes para a investigação da história, como: *Orientação de Teses: apontamentos para o mesmo fim* (1970).

No ano de 1977, fez três registros com os títulos: *O meu curso de História do Brasil na pós-graduação*; *A persistência social na historiografia da nouvelle histoire*; e *Apontamento (História conceitual)* (Figura 4). Neles, refletiu sobre seu trabalho como orientador de mestrado na UFPR, sobre a historiografia francesa e também sobre a aplicação dos conceitos na História.

Foi através dos seus registros de leitor que comecei a investigar a vida profissional de Brasil Machado. Trabalhando no CDPH-UEPG, a primeira atividade era a higienização dos cadernos manuscritos (24 no total), e quando comecei a limpeza li alguns trechos onde as primeiras palavras que me interessaram foram: “estou lendo”, “*nouvelle histoire*”, “*Annales*”, “Hegel”, “Herder”, “historiografia”. Assim, logo entendi a possibilidade de investigação dessas fontes como vestígios importantes para a história da palavra impressa, porque esse leitor registrou suas impressões de leituras. A atividade dos leitores do passado é um campo fecundo para investigações, porque se busca compreender a leitura, quais livros e autores eram acessados em deter-

minada época e a possível rede de leitores que atuaram em seu tempo histórico. Nos mais variados locais do globo e nas diversas formas de ler, os leitores vão se adaptando aos formatos dos livros e reagindo aos conteúdos consumidos. Mesmo solitário, em certos momentos o leitor e escritor (como Brasil Machado) estaria, em certo sentido, conectado com uma rede de potenciais leitores (seus pares, alunos, orientandos).

A leitura é uma das principais tarefas da profissão do historiador. Lemos por diferentes motivos, e alguns historiadores da palavra impressa, igualmente leitores, insistem no caminho para entender parte do trajeto percorrido por indivíduos do passado que se debruçaram diante de determinado autor, ou mesmo de uma obra, artigo, texto, panfleto. Mas a leitura “é um tema traiçoeiro, especialmente quando o pesquisador sai das questões a respeito de quem eram os leitores e o que liam e passa aos problemas de como eles compreendiam os livros” (Darnton, 2010, p. 169). Afinal, como já citado anteriormente, “um texto só existe se houver um leitor para lhe dar um significado”, e assim as leituras são “compreendidas como práticas concretas e como procedimentos de interpretação” (Chartier, 1999, p. 11-12).

É possível encontrar informações do trabalho do professor paranaense em *Orientação de Teses: apontamentos para o mesmo fim* (1970), em que faz uma reflexão sobre a sua atuação como orientador na Universidade Federal do Paraná (UFPR): “Desde algum tempo, todo o meu trabalho universitário está reduzido ao que se denomina “orientação

de teses”. Teses para o mestrado de História” (Machado, 1970, p. 39).

O meu modo de orientar é o seguinte: o candidato propõe um tema ou problema para a sua pesquisa, organiza um projeto. Então eu discuto com ele, obrigando-o a falar e a se defender das minhas objeções. Quando sinto sua fraqueza em relação a certos assuntos, obrigo-o a fazer leituras suplementares e a discutir comigo o que leu. Outras vezes exijo que ele escreva “paper” sobre determinada parte de seu projeto.

É um mini-curso, verdadeiramente (Machado, 1970, p. 39).

Brasil Machado, na sua experiência do tempo presente, escreveu sobre os temas de pesquisa, o que nos possibilita identificar os principais interesses de investigações e inferir sobre parte das demandas dos docentes para o direcionamento dos estudos (e leituras) no Programa do Mestrado em História da UFPR.

Pois bem, a temática do momento atual nos estudos sociais e históricos é (poderíamos assim denominar): os problemas da expansão do capitalismo no Brasil; a história e a análise da industrialização; a formação da sociedade de classe; a formação do proletariado no Brasil; a formação do empresariado brasileiro; o surgimento e a expansão das classes médias; a penetração do capitalismo no campo; o Estado moderno brasileiro; os movimentos sociais; os sindicatos e as organizações de classe; o poder político na transformação da sociedade civil; a cultura popular na fase da expansão capitalista; a marginalidade social; revisão da abordagem do estudo da escravidão; as estruturas demográficas em evolução; a educação na fase da transição da sociedade civil para a sociedade capitalista; o estudo histórico da criminalidade; estudo das empresas; o estudo do campesinato — etc. (Machado, 1970, p. 40-41).

Brasil Machado, em *O meu curso de História do Brasil na pós-graduação*, escreveu sobre a importância de pesquisas sobre a história nacional: “Em que circunstâncias históricas, as nações ocidentais criaram um campo novo na área da história — a história de sua nacionalidade?” (Machado, 1977, p. 3). No que concerne à história da leitura, indicando um livro do filósofo e escritor alemão Johann Gottfried von Herder (1744-1803), escreveu:

A história nacional parece ser, pois, uma criação do Romantismo. (Ver “Ideias para a Filosofia da História da Humanidade”, de Herder, onde a ideia de povo está colocada no centro de toda a história possível).”.

Naturalmente, seria preciso clarificar o que o período romântico entendia por *povo*. Em Herder é, ao mesmo tempo, raça e cultura, pois ele afirma a existência de atributos inatos e atributos adquiridos, caracterizando um povo.

Para o pensamento que decorre dos fatos da Revolução Francesa, onde a palavra *povo* atinge o ápice de sua operacionalidade, como Hegel, o povo é uma entidade política reconhecível no Estado, de modo que o Estado é que é o elemento caracterizador da história nacional. A história nacional é a história da formação do Estado, da sua soberania e de sua decadência (Machado, 1977, p. 5-6. Grifos do autor).

Continuando o raciocínio sobre a história nacional, e nos dando exemplo sobre o trabalho dos historiadores, formulou uma problemática e apontou uma hipótese:

Noutras palavras: a história nacional é um *espaço histórico*. Não é uma história que se desenvolve dentro de um espaço, é o próprio espaço.

O que é que unifica esse espaço, dando-lhe o caráter de unidade, de todo, de totalidade? - Eis um problema.

Será somente a visão do historiador? Ou será mesmo uma realidade?

Por hipótese, é o historiador que constrói um espaço, de acordo com a ideologia de sua época. Depois, seleciona os fatos e os acontecimentos significativos para dar concretude a esse espaço construído. Para isso, procura distinguir os limites desse espaço. Nessa operação, o procedimento consiste em determinar outros espaços que se opõem ao espaço construído.

O plano mais profundo de uma história nacional é a oposição ou diferenciação de seu espaço histórico em relação a outros espaços históricos” (Machado, 1977, p. 7- 8. Grifo do autor).

A historiografia francesa foi outro tema de estudos de Brasil Machado no título atribuído por ele: *A persistência social na historiografia da nouvelle histoire*:

Os teóricos da *nouvelle histoire* afirmam que a procura dos fatores da persistência social é mais importante para a atual historiografia do que a procura dos fatores da mudança social.

Qual é essa persistência social? Seriam os traços fundamentais da “natureza humana”? Parece que isso é o que aqueles teóricos pretendem. Assim pode-se pensar, pois que aqueles historiadores se encaminham no sentido da antropologia estrutural de Lévi-Strauss (Machado, 1977, s.p. grifos do autor).

É possível perceber, na escrita do historiador paranaense, o leitor em atividade para interpretar o trabalho dos historiadores franceses e das concepções da Nova História. Mesmo a Nouvelle Histoire sendo “difícil de definir de forma categórica” (Burke, 2011, p. 10), ela representou uma reação contra o “paradigma” tradicional e, como apontou Brasil Machado, “aqueles historiadores se encaminham no sentido da antropologia” estrutural do antropólogo francês. Peter Burke, em uma de suas definições, diz que “os historiadores

tradicionais pensam na história como essencialmente uma narrativa dos acontecimentos, enquanto a nova história está mais preocupada com a análise das estruturas” (Burke, 2011, p. 10).

Na tentativa de explicar como os historiadores utilizam os conceitos como instrumento de trabalho, em *Apontamento (História conceitual)* escreveu:

A história tem uma “natureza” básica: é o acontecimento. Até agora não pude me convencer do contrário.

Esse nível do acontecimento é o nível concreto da ciência histórica.[...]

Para a análise do material do nível concreto da história, os “cientistas” criam um sistema de conceitos. As análises históricas são feitas de acordo com conceitos, e não de acordo com a realidade. No método histórico, pois, a pesquisa dos acontecimentos não é feita à luz do conceito do historiador. A segunda fase do método é a seleção dos acontecimentos segundo o sistema de conceitos do historiador (Machado, 1977, s. p.).

Nesta anotação, Brasil Machado não escreveu sobre um teórico e/ou livro específico, mas teorizou sobre o formato de como fazer (o método) do ofício.

Os registros deste caderno revelam parte das inquietações e reflexões sobre o ofício do historiador, que compreende ler, escrever, preparar aulas, auxiliar alunos/orientandos e pensar o método do profissional que precisa de conceitos para suas análises.

Considerações finais

Pensando sobre o meu trabalho de historiadora, estou “dos dois lados do balcão” (Schmidt, 2008, p. 189). Ao longo dos últimos anos, venho apresentando trabalhos em eventos acadêmicos e uma das perguntas que me fazem frequentemente é sobre o fato de ter sido doutoranda em História na UFSC e técnica responsável no Centro de Documentação e Pesquisa em História (CDPH) da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), estado do Paraná, local que abriga minhas fontes de investigação. Afirmo que: “o trabalho desenvolvido no CDPH/UEPG é fonte de inspiração diária; basta passar os olhos rapidamente no catálogo dos documentos para perceber o potencial dos arquivos pessoais para muitas possibilidades de pesquisas históricas” (Pinto, 2021, p. 11).

É possível escrever um pouco sobre essa experiência, porque ela se torna importante diante das relações estabelecidas nesses ambientes de pesquisa. Por exemplo, é comum a convivência entre pesquisadores e funcionários/servidores de instituições públicas ou privadas durante o processo de pesquisa acadêmica em níveis de graduação e pós-graduação. Não é raro ver os nomes dos funcionários sendo citados nos agradecimentos ao final das respectivas jornadas.

Nas comunicações orais que participei, junto com as perguntas sobre minha atuação, vinham as sugestões de leituras e o incentivo de pessoas que até então nem conhecia, trocas generosas entre os historiadores com diferentes bagagens. Esses momentos invertem a cena do

pesquisador solitário que acabamos nos tornando, e estimulam a conexão porque pensamos juntos, afinal, “todas as ciências são interessantes, mas todo cientista só encontra uma única cuja prática o diverte. Descobri-la para a ela se dedicar é propriamente o que se chama vocação” (Bloch, 2011, p. 43).

Tabela 2 – Títulos registrados por Brasil Pinheiro Machado.
Caderno 18 (Machado, 1970, 1977, 1978)

1. O meu curso de História do Brasil na pós-graduação - 1977. 19-5-1977	12. Notas para orientações
2. A modernização é uma ideologia. 21-9-1977	13. Nº 1. 13-6-1978
3. A Imigração e as Migrações. 28-11-1977 continuação do fim do caderno	14. Registros rápidos
4. Dentro do mesmo tema. 12-2-1978	15. Notas sem sentido. 7-4-1977
5. Orientação de Teses: apontamentos para o mesmo fim. 28-10-1970	16. O conhecimento e a técnica das coisas conhecidas. 8-5-1977
6. 30-10-1978	17. O “poder” do Estado. 12-5-1977
7. A “História da Inteligência Brasileira”. 18-10-1977	18. O referencial da história econômica moderna. 13-5-1977
8. Outra anotação:	19. A persistência social na historiografia da nouvelle histoire. 6-6-1977
9. O livro e o leitor	20. Apontamento (História conceitual). 6-9-1977
10. Membro de banca de concurso de magistério universitário. 1-2-1978	21. A imigração e as migrações. 13-9-1977
11. Continuação depois de uma longa pausa. 10-10-1978	22. 9-11-1977
	23. 21-11-1977

MACHADO, Brasil Pinheiro. *Caderno 18* – (1970, 1977, 1978). Acervo Brasil Pinheiro Machado. Centro de Documentação e Pesquisa em História (CDPH/UEPG), Ponta Grossa.

Referências

ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. *As dores da história: os sofrimentos das carnes e dos corpos como tema historiográfico*. Aula Inaugural do Programa de Pós-Graduação em História da Unesp — 2021.2. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9yaPH15OLQk>. Acesso em: 12-08-2021.

BLOCH, Marc. *Apologia da História ou o ofício do historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BURKE, Peter (org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

CHARTIER, Roger. *A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. Brasília: UNB, 1999.

_____. O mundo como representação. *Estudos Avançados*. V.5, n. 11, 1991. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/8601/10152>. Acesso em: 20-01-2019.

_____. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. São Paulo: Ed. Unesp, 1999.

DARNTON, Robert. História da leitura. In: BURKE, Peter (org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

_____. *A questão dos livros: passado, presente e futuro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

DENIPOTI, Cláudio. Um homem no mundo do livro e da leitura. *Revista de História Regional* 6(2): 75-91, Inverno 2001. Disponível em: <https://tinyurl.com/3pnutfju>

PINTO, Luciana Cristina. Historiadores em acervos: o fascínio e os desafios do trabalho no centro de documentação e pesquisa em história. *Anais Anpuh Brasil – 31º Simpósio Nacional de História*. Rio de Janeiro, 2021. Acesso em: <https://tinyurl.com/yyd47vns>

OLIVEIRA Joselfredo Cercal de. *Educadores ponta-grossenses: 1850-1950*. Ponta Grossa: UEPG, 2002.

SCHMIDT, Benito Bisso. Os historiadores e os acervos documentais e museológicos: novos espaços de atuação

profissional. *Anos 90*. Porto Alegre, UFRGS, 2008, v. 15, n. 28, p. 187-196.

Fonte bibliográfica

MACHADO, Brasil Pinheiro; WESTPHALEN, Cecília Maria. *Aula inaugural: cursos de pós-graduação em História na Universidade Federal do Paraná*. Curitiba: UFPR, 1972. Acervo Magnus Roberto de Mello Pereira. Centro de Documentação e Pesquisa em História (CDPH), Ponta Grossa.

Fontes manuscritas

MACHADO, Brasil Pinheiro. *Caderno 11. Funcionalismo. Outros* (1969, 1970, 1971, 1972 e 1974). Acervo Brasil Pinheiro Machado. Centro de Documentação e Pesquisa em História (CDPH/UEPG), Ponta Grossa.

_____. *Caderno 18 —* (1970, 1977, 1978). Acervo Brasil Pinheiro Machado. Centro de Documentação e Pesquisa em História (CDPH/UEPG), Ponta Grossa.

Lista de figuras

FIGURA 1: MACHADO, Brasil Pinheiro; WESTPHALEN, Cecília Maria. *Aula inaugural: cursos de pós-graduação em História na Universidade Federal do Paraná*. Curitiba: UFPR, 1972. Acervo Magnus Roberto de Mello Pereira. Centro de Documentação e Pesquisa em História (CDPH), Ponta Grossa. Luciana Cristina Pinto, 2022.

FIGURA 2: MACHADO, Brasil Pinheiro. *Caderno 11. Funcionalismo. Outros* (1969, 1970, 1971, 1972 e 1974). Acervo Brasil Pinheiro Machado. Centro de Documentação e Pesquisa em História (CDPH/UEPG), Ponta Grossa. Luciana Cristina Pinto, 2022.

FIGURA 3: MACHADO, Brasil Pinheiro. *Caderno 18* (1970, 1977, 1978). Acervo Brasil Pinheiro Machado. Centro de Documen-

tação e Pesquisa em História (CDPH/UEPG), Ponta Grossa. Pinto, Luciana C., 2019.

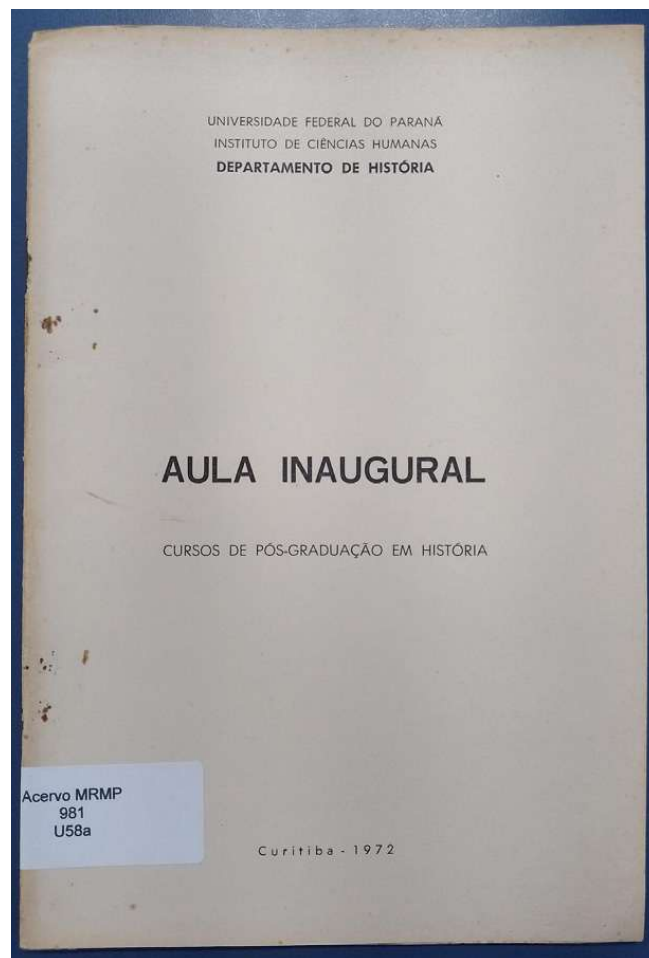
FIGURA 4: MACHADO, Brasil Pinheiro. *Caderno 18 – Apontamento (História conceitual)* 06/09/1977. Acervo Brasil Pinheiro Machado. Centro de Documentação e Pesquisa em História (CDPH/UEPG), Ponta Grossa. (Pinto, Luciana C., 2019).

Tabelas

TABELA 1 – Caderno 11 – *Funcionalismo. Outros*

TABELA 2 – Títulos registrados por Brasil Pinheiro Machado. *Caderno 18* (Machado, 1970, 1977 e 1978).

Figura 1 – Aula inaugural



MACHADO, Brasil Pinheiro; WESTPHALEN, Cecília Maria. *Aula inaugural: cursos de pós-graduação em História na Universidade Federal do Paraná*. Curitiba: UFPR, 1972. Acervo Magnus Roberto de Mello Pereira. Centro de Documentação e Pesquisa em História (CDPH), Ponta Grossa. Luciana Cristina Pinto, 2022.